

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NEY HAMILTON MICHAUD

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CAMPANHAS NAS ELEIÇÕES PARA REITOR
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

CURITIBA

2018

NEY HAMILTON MICHAUD

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CAMPANHAS NAS ELEIÇÕES PARA REITOR
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista, no Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cardoso Sampaio

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

NEY HAMILTON MICHAUD

A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CAMPANHAS NAS ELEIÇÕES PARA REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista, no Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Setor de Ciência Política, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador

Prof. Rafael Cardoso Sampaio
Departamento de Ciência Política, UFPR

Prof. Dr.
Departamento de Ciência Política, UFPR

Prof. Dr.
Departamento de Ciência Política, UFPR

Curitiba, ____ de _____ de 2018.

RESUMO

Esta monografia, de caráter exploratório, busca estabelecer similaridades entre os meios e as estratégias para convencimento dos eleitores nos processos de escolha do reitor da Universidade Federal do Paraná e os pleitos eleitorais para cargos políticos majoritários. Para tanto compara as formas de comunicação e as ferramentas utilizadas e colhe depoimentos de personagens envolvidos em eleições dentro da instituição. A reflexão central da monografia é se o colégio eleitoral, formado por uma elite intelectual, está sujeita – aceita e até participa – de um processo de escolha condicionado aos mesmos mecanismos de comunicação e cooptação existentes no meio político “convencional”, reproduzindo sem questionamentos um modelo que permite a influência econômica e privilegia muitas vezes mais a forma que o conteúdo.

Palavras-chave: Universidade. Elite. Eleições. Marketing Político

ABSTRACT

This exploratory monograph seeks to establish similarities between the means and strategies for convincing voters in the processes of choice of the rector of the Federal University of Paraná and the electoral lawsuits for major political positions. In order to do so, he compares the forms of communication and the tools used and collects testimonies of characters involved in elections within the institution. The central reflection of the monograph is whether the electoral college, made up of an intellectual elite, is subject to - and even participates in - a process of choice conditioned by the same mechanisms of communication and cooptation existing in the "conventional" political environment, reproducing without question a model that allows economic influence and often privileges the form rather than the content.

Keywords: University. Elite. Elections. Political Marketing

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A ESCOLHA DOS REITORES EM OUTROS PAÍSES	7
2 A ELITE UNIVERSITÁRIA.....	9
3 HISTÓRICO DAS ELEIÇÕES NA UFPR	12
4 A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CAMPANHAS	13
5 O PROCESSO ELEITORAL DE 2016	15
6 TABELA COMPARATIVA DE MEIOS.....	17
7 DEPOIMENTOS	19
7.1 ENTREVISTA COM JORNALISTA JOSÉ WILLE SCHOLZ	19
7.2 ENTREVISTA COM TÉCNICO ADMINISTRATIVO EDEMIR REGINALDO MACIEL.....	20
7.3 ENTREVISTA COM PROFESSOR MÁRIO MESSAGI JR.....	22
7.4 ENTREVISTA COM PROFESSOR FLÁVIO ZANETTE	23
7.5 ENTREVISTA COM PROFESSOR FERNANDO MEZZADRI	25
7.6 ENTREVISTA COM PUBLICITÁRIO MAURÍCIO RAMOS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE 1 - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E RESPONSABILIDADE	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico pretende investigar a forma como a comunidade de uma universidade pública brasileira escolhe seus dirigentes. Inicialmente é importante fazer a ressalva de que a reprodução dos padrões eleitorais convencionais em sufrágios nas universidades é pouco investigada mundo afora. Apenas três países ocidentais adotam eleições diretas, com a participação de toda a comunidade universitária em todas as instituições públicas nacionais: Brasil, Espanha e Colômbia. A Itália promove eleições diretas – com voto proporcional de acordo com a titularidade- em três universidades. A França possui um quadro administrativo peculiar nas universidades públicas, cuja gestão cabe ao Presidente da Universidade, eleito pela comunidade, mas com uma atuação fortemente controlada por legislação específica. A figura do reitor existe, mas está restrita a funções protocolares.

O ponto de partida da investigação apresenta no primeiro capítulo uma amostra da forma de escolha dos reitores em outros países ocidentais, notadamente aqueles com maior visibilidade na produção acadêmica internacional. O segundo capítulo relaciona a comunidade universitária ao conceito de elite e, tendo a UFPR como objeto de estudo – propõe a seguinte questão: é possível corroborar a presunção, o senso comum, de que uma comunidade formada por doutores, mestres, professores, alunos de graduação e pós-graduação, além de servidores técnico-administrativos em sua maioria com formação superior, constitui um universo politizado, portanto avesso às práticas e discursos usuais?

O terceiro e quarto capítulos contextualizam historicamente os processos eleitorais na Universidade Federal do Paraná e apontam a evolução nas formas de se fazer campanha e os meios de comunicação empregados. O quinto capítulo descreve especificamente o último pleito (2016) e aponta os veículos e estratégias utilizados, visualizados através de um quadro comparativo de mídias. A transformação na forma de se fazer política eleitoral para escolha do reitor também é corroborada através de entrevistas com personagens diretamente ligados às eleições na UFPR ao longo dos últimos 30 anos e também com depoimentos sobre o último pleito. As considerações finais encerram a reflexão sobre os dados históricos, as percepções dos envolvidos nos sufrágios e o comportamento da comunidade universitária, tal como elite, num processo de prática interna de democracia, com avanços e retrocessos.

1 A ESCOLHA DOS REITORES EM OUTROS PAÍSES

No modelo de administração universitária anglo-saxão as escolhas são feitas por colégios eleitorais. É comum nesses colégios a participação de ex-alunos célebres e membros do setor privado no processo de escolha. Outra forma bastante comum de indicação dos reitores, tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido, é através dos conselhos das fundações mantenedoras das universidades. A exceção no Reino Unido está na Escócia, na Universidade de Edimburgo, que escolhe o reitor através de voto direto e proporcional de professores e estudantes. Na Alemanha e países escandinavos existe o instituto do Senado Acadêmico, renovado a cada quatro anos e formado por representantes do corpo docente, estudantes e trabalhadores das instituições de ensino (ORDORIK, 2015).

A França tem um modelo administrativo universitário que introduziu, a partir da reforma do ensino superior em 1968, a figura do Presidente da Universidade. É uma espécie de gestor da universidade, e sua escolha varia de uma instituição para outra. O modelo é detalhado por Gimenez (1990, p. 7): “O presidente de universidade é encarregado de dirigir e coordenar a vida de todas as estruturas [...] colocado a frente de um dispositivo que reúne no mínimo trinta mil pessoas, ele é a pedra angular que garante a coesão, a continuidade e a eficácia”¹.

Assim como no caso francês, o reitor exerce um papel muito mais simbólico e institucional. *Grosso modo* seria como uma espécie de parlamentarismo. O equivalente ao papel de “chefe de estado” caberia ao reitor. A “chefia do governo”, ou o “executivo” da universidade seria responsabilidade do presidente. Os presidentes das universidades francesas devem ser obrigatoriamente professores pesquisadores em pleno exercício da função. São eleitos diretamente pela comunidade universitária e não existe o instituto da reeleição. A mesma legislação que introduziu a figura do presidente da universidade em 1968, formatou a constituição do gabinete da função, sendo obrigatoriamente composto pelo vice-presidente, secretário-geral e um agente contábil (GIMENEZ, 1990, p. 56).

Em Portugal, os candidatos das universidades públicas apresentam seus programas de gestão e são sabatinados pelo conselho universitário em audiência transmitida via TV Universitária no caso das universidades de Lisboa, Coimbra e Porto. Mas, logo após a apresentação, apenas os conselheiros deliberam e elegem o reitor. Algumas universidades portuguesas, como a Universidade do Porto, permitem que professores estrangeiros concorram

¹ “Le président d'université est chargé de diriger et de coordonner la vie de ces structures... placé à la tête d'un dispositif regroupant en moyenne trente mille personnes, il est la clef de voûte ou la pierre angulaire qui offre à l'édifice sa cohésion, sa continuité et son efficacité”. Livre tradução.

à reitoria. Na eleição de 2018, apenas dois dos cinco concorrentes eram portugueses. Os outros eram um canadense, uma espanhola e um neozelandês (JORNAL DE NOTÍCIAS, 2018).

Na Europa, a eleição direta restringe-se às universidades públicas da Espanha, num sistema muito parecido como o brasileiro. A diferença mais marcante está na proporcionalidade dos votos. Existem pesos diferentes para professores com maior titulação, para professores substitutos, alunos e funcionários. Os reitores também são escolhidos por professores e estudantes em três universidades públicas italianas: Roma (Sapienza), Bolonha e Turim. Na América Latina, além do Brasil, a exceção é a Colômbia, sendo que as eleições das 18 universidades públicas do país são realizadas geralmente num período muito próximo, entre os meses de maio e julho, e para períodos coincidentes de mandatos em todo o país. Argentina, México e Venezuela adotam o modelo de escolha através de colégios eleitorais formados pelos conselhos universitários.

2 A ELITE UNIVERSITÁRIA

Desde a adoção da consulta popular para escolha do Reitor da UFPR em 1985, o processo vem sofrendo modificações tanto na forma de apresentação dos candidatos e da comunicação dirigida à comunidade universitária quanto na prática de composição de chapas, construção de alianças e preenchimento de cargos.

A questão que se impõe é: será possível corroborar a presunção, o senso comum, de que uma comunidade formada por doutores, mestres, professores, alunos de graduação e pós-graduação, além de servidores técnico-administrativos em sua maioria com formação superior, constitui um universo politizado, portanto avesso às práticas e discursos usuais?

No entanto, a partir das quatro últimas consultas, ou “eleições”, como se convencionou chamar, foi possível detectar um processo de profissionalização das campanhas, transformando os pleitos em reproduções das campanhas políticas eleitorais.

Segundo o Conselho Francês de Comunicação Escrita (2010)² (*Alorthographe*) a palavra elite (*élite*, em francês) remonta o fim do século 12 e designa literalmente “aqueles que são dignos de ser escolhidos”. Evidentemente, do ponto de vista histórico, a palavra tinha conotação religiosa, uma vez que os escolhidos – a palavra teve derivações como “eleito”. As raízes etimológicas são o latim clássico *eligo* ou do latim popular *exlegere* que significa escolher, triar. A palavra eleição vem do latim *electio*, literalmente “escolha”.

Em primeiro lugar é preciso situar a universidade como um espaço de elite. O termo aqui deve ser despido do conceito pejorativo recentemente atribuído à palavra. O italiano Vilfredo Pareto (1848-1923), afirmava que existiria em todas as áreas da ação humana, indivíduos que se destacam dos demais por seus dons e qualidades superiores. Eles fazem parte de uma minoria em relação ao restante da população, uma elite. Pareto, o também italiano Gaetano Mosca (1858 -1941) e Robert Michels (1876-1936) construíram a base do que seria conhecida como a Teoria das Elites. Evidentemente o termo elite, se transformou ao longo do tempo e ganhou outras interpretações. Brasil sintetiza a concepção de Richard Dahls que aponta o Elitismo Democrático, em oposição à teoria de monoísmo das elites, de Wright Mills.

A teoria de Dahl (1997) ainda que rompa de vez com a ideia de que há apenas uma elite por um lado, também nos dá insumos para concluir que a democracia pode ser entendida tão somente como um simples mecanismo de escolhas em que se opta, através do voto em eleições periódicas, entre as elites (no plural) pré-determinadas que disputam o poder. (BRASIL, 2010, p. 112)

² Disponível em: <<http://www.unblog.fr/2010/12/14/etymologie-de-elire-election-elite/>>

Quando se transporta a concepção de elite para uma sociedade como a brasileira, desigual e excludente, não se pode ignorar que as universidades, sejam públicas ou privadas, estão inseridas neste contexto, ainda que tenha havido um grande avanço na mitigação do problema por parte dos governos recentes que adotaram políticas de redução de desigualdade e acesso ao ensino superior. O conceito de elite na universidade é abordado de forma mais filosófica por Souza Filho (2006, p. 174):

A missão da universidade, quanto a si própria e à sociedade, é tornar-se o lugar da formação de uma elite intelectual, cultural e científica. Esta não é uma elite de classe, mas uma elite de espírito. Nem por isso elitista e diletante. O sentido de ser elite aqui é apenas o do elevado grau de compreensão da realidade que passam a ter todos aqueles que se beneficiam da educação no modo teórico- filosófico-científico de pensar.

É, portanto lógico supor que a instituição universidade seja um espaço de construção de elites. Seja no sentido de elite intelectual, seja no de elite econômica ou mesmo política. É interessante observar que dos últimos 18 governadores do Paraná, no período pós 64, com mandato pleno ou interino, apenas um deles não teve formação universitária: João Mansur (1973) e outro não teve formação superior convencional: Ney Braga (1961/1965, 1978/1982). Ele frequentou cursos de nível superior no exército brasileiro. Paulo Pimentel (1967/1971) se formou em Direito pela USP; a mesma formação de Haroldo Leon Peres (1971), cassado pelo regime militar, que cursou a Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Pedro Viriato Parigot de Souza (1971/1973) era engenheiro civil pela UFPR. Emílio Gomes (1973/1975) era engenheiro civil graduado pela UFPR. O mesmo curso seguido, porém não concluído por Jayme Canet Jr. (1975/1979), que curiosamente ganhou o título de “Doutor Honoris Causa” da Federal do Paraná. José Hosken de Novaes (1982/1983) era bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade Nacional de Direito, do Rio de Janeiro. José Richa (1983/1986), eleito após o processo de redemocratização cursou Odontologia na UFPR. João Elísio Ferraz Campos, suplente (1986/1987) cursou Direito na PUC PR. O sucessor, Álvaro Dias (1987/1991) é bacharel em História pela UEL. Roberto Requião (1991/1994, depois 2003/2010) tem diploma de jornalista pela PUC PR. Mário Pereira (1994/1995) cursou Engenharia Elétrica na UFSC. Hermas Brandão (2006/2007) é graduado em Direito pela Escola Nacional do Rio de Janeiro. Jaime Lerner (1995/2003) é arquiteto formado pela Federal do Paraná, além de ter sido professor do curso de arquitetura na mesma instituição. Orlando Pessuti (2010/2011), que substituiu Roberto Requião, cursou Medicina Veterinária na UFPR. Carlos Alberto Richa tem

diploma de engenheiro civil da PUC PR. Os últimos 10 prefeitos de Curitiba também foram formados pela UFPR, PUC e até mesmo ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica). A elite política paranaense passou pelos espaços universitários mais tradicionais.

3 HISTÓRICO DAS ELEIÇÕES NA UFPR

Ao falar das eleições da Universidade Federal é preciso em primeiro lugar, traçar um pequeno histórico do processo³. A primeira eleição com participação da comunidade universitária no Paraná aconteceu em 1986. Concorreram os professores Afonso Antoniuk (Medicina), Arthur Petroski (Administração), Dante Romanó Júnior (Medicina), Francisco Moraes Filho (Medicina), Maury Cruz (Direito), Riad Salamuni (Geologia) e o Técnico Administrativo em Educação Roberto Kugler. Naquele período houve apenas um grande debate no teatro da Reitoria. A eleição foi vencida pelo professor Riad Salamuni.

Vale lembrar que o Brasil vivia naquela época um período de grande efervescência política, com a consolidação de forças que moldariam o cenário político partidário que se instalou ao longo das últimas décadas. Os partidos surgidos do processo de redemocratização eram o PDS (antiga Arena, com remanescentes dos apoiadores do regime militar), o PMDB (que sucedia o MDB, partido de oposição durante os governos militares) o PT (criado a partir do movimento sindical), o PTB (que foi registrado pela deputada Ivete Vargas, sobrinha de Getúlio Vargas e que pretendia encarnar o viés trabalhista pré-golpe) e o PDT (uma dissidência trabalhista capitaneada por Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e Neiva Moreira). No Paraná, a grande força política emergente era o PMDB de José Richa e Álvaro Dias, que havia desbancado o grupo Ney Braga/Saul Raiz (PDS). A candidatura Riad Salamuni teve a simpatia e o apoio – ainda que velado- do governador peemedebista.

As eleições subsequentes tiveram os seguintes eleitos: período de 1990 a 1993: reitor Carlos Alberto Faraco (Letras) e vice-reitor Mário Pederneiras (Biologia); 1994/1997 reitor José Henrique de Faria (Administração) e vice-reitor Maria Amélia Zainko (Pedagogia); 1998/2001 reitor Carlos Antunes (História), vice Rômolo Sandrini (Medicina); 2002/2005 Carlos Augusto Moreira Júnior (Medicina), vice Aldair Rizzi (Economia); 2006/2008 Carlos Augusto Moreira Júnior (Medicina) e Márcia Mendonça (Farmácia); 2008 reitor Zaki Akel Sobrinho (Administração) e vice Rogério Mulinari (Medicina). Essa mesma chapa se repetiria no processo de escolha seguinte, sendo reeleita para o período 2013/2016.

³ 30 Anos de História – As eleições na UFPR – Comitê eleitoral da Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná)

4 A PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CAMPANHAS

O ponto de inflexão do modo de se fazer política no cenário eleitoral da UFPR é nitidamente observado a partir da campanha de 2002, quando o professor Carlos Augusto Moreira Júnior concorre com o professor Edson Luis Fachin, atual ministro do STF. A partir desta eleição, a candidatura Moreira contrata uma empresa de assessoria de imprensa (da jornalista Léa Oksenberg) para cuidar da comunicação da chapa. É a clássica estratégia de construção de um personagem ideal –do ponto de vista eleitoral- a partir de uma estrutura profissional, como destaca Nóbrega (2013, p. 8):

A construção da imagem política começa a partir do momento em que a ideia é implantada na figura a qual se submete a se transformar no personagem político. Ai entra o papel da assessoria de comunicação, que é de fundamental importância, pois, através de uma equipe de assessores pode sair um personagem com uma imagem ‘positiva’ ou ‘negativa’. Claro que o mérito não se encontra apenas nas mãos dos assessores, uma vez que, um bom histórico de bons feitos e a boa conduta do ator político terão o seu papel relevante na fase de construção e consolidação da imagem.

O sociólogo e professor de comunicação Antonio Albino Canelas Rubim aponta que as eleições nos regimes democráticos, dentro do cenário político que pode se chamar de convencional, estão estruturadas e ambientadas pela mídia . Rubim também observa que a mídia reforça a personalização das campanhas eleitorais.

A personalização das campanhas, malgrado os componentes políticos inerentes a tal movimento no Brasil (tradição de uma política pessoalizada, presidencialismo, força dos cargos executivos etc.) encontra no formato imagético da tela um atributo e um reforço fundamentais para o incremento da personalização, expressiva de captar a singularidade e não a generalidade. (RUBIM, 2001, p. 174).

A estratégia de utilizar métodos comuns nas campanhas eleitorais gerais, com adesivagem, panfletagem extensiva e uso de farto material de propaganda funciona. Apesar de melhor orador, Luiz Fachin perdeu a eleição para a estrutura profissional montada para aquele pleito. Mas, a partir deste momento, as eleições na UFPR tomaram um caminho sem volta. A começar pela adoção do instituto da reeleição.

A mistura da política partidária e eleitoral já era observada no início da gestão, com o convite do vice-reitor eleito, Adair Rizzi para um cargo de primeiro escalão no governo Roberto Requião. O professor Rizzi acabou nomeado Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia. Carlos Moreira assumiu a postura de um “tocador de obras” na Universidade Federal. Aproxima-se mais do governo do Estado, com o qual articulou e implantou um campus

avançado no litoral. Mais tarde, já no segundo mandato, Moreira acabou renunciando ao cargo para concorrer à prefeitura de Curitiba, pelo PMDB de Roberto Requião. Com o perfil de uma “espécie de prefeito” da universidade, Carlos Moreira se aproximou muito mais da imagem de um executivo tradicional do que de um reitor como até então eram conhecidos os administradores da UFPR. Em sua gestão a comunicação assumiu outro patamar. A assessoria de comunicação da Universidade passou a ser conduzida por uma profissional “de mercado” (Patrícia Favorito, relações-públicas oriunda do grupo de ensino Positivo). Até então o cargo era ocupado exclusivamente por funcionários concursados de carreira. A direção da universidade criou uma rádio web e uma TV, desvinculadas dos cursos de Comunicação Social e subordinadas diretamente à reitoria. O primeiro diretor da TV UFPR, também não pertencia aos quadros da Universidade (Plínio Paladino Jr., administrador especialista em Marketing, oriundo da assessoria do governo Jaime Lerner). Até o presente momento TV e Rádio web continuavam ligadas à SUCOM, Superintendência de Comunicação, ainda que as unidades estivessem fisicamente localizadas no Campus Juvevê, que abriga os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. A participação de professores e de alunos desses cursos era, digamos, modesta. Não se propunham a exercer o papel de formação como “Unidade Escola”.

A estratégia de profissionalização das campanhas eleitorais na Universidade Federal do Paraná foi um caminho irreversível consolidado nos pleitos posteriores. Afinal, o Marketing Político é a arma mais eficaz na guerra pelo voto. Mas o Marketing por si só não explica a lógica eleitoral ele constrói uma realidade que tem como base a ficção de um mundo ideal, como aponta Figueiredo (1997).

No debate eleitoral, os candidatos usam uma retórica cuja argumentação é de natureza ficcional. Neste caso, para convencerem a maioria dos eleitores, todos constroem um mundo atual possível, igual ou um pouco diferente do mundo atual real, e com base nele projetam um novo e bom mundo futuro possível. A estrutura dessa argumentação tem duas vertentes: “o mundo atual está ruim, mas ficará bom” ou “o mundo atual está bom e ficará ainda melhor”. A primeira vertente é típica da argumentação da oposição e a segunda da situação. Este tipo de argumentação é de natureza ficcional por duas razões: primeiro, porque o bom mundo futuro possível ainda não se realizou, e não há nada na lógica, a partir da qual é deduzido, que garanta a sua realização; segundo, porque o mundo atual possível, seja o bom ou o ruim, é um construto inferido do mundo atual real (FIGUEIREDO, 1997).

5 O PROCESSO ELEITORAL DE 2016

O processo de escolha de reitor para o período 2017/2020 foi o mais longo da história da UFPR. Começou já no primeiro semestre com a formação da chapa Marcos Sunyé (Ciências Exatas) / Andréa Caldas (Educação) em abril. Pouco depois é lançada a chapa Ricardo Marcelo Fonseca (Ciências Jurídicas) Graciela Bolzón (Agrárias).

O primeiro passo, antes mesmo de homologação das chapas pela comissão eleitoral da UFPR, foi a montagem de equipes de comunicação das candidaturas. Esta foi a primeira eleição que contou com a difusão de informações majoritariamente através de meios eletrônicos com a utilização maciça de redes sociais (*facebook*), grupos de *whatsapp*, *telegram*, e vídeos no *youtube*. Os métodos tradicionais como distribuição de panfletos, jornais de campanha, adesivos, faixas, bótons, cartazes e banners foram empregados de forma intensa, a exemplo do que já ocorria nas eleições anteriores. Também houve farta distribuição de camisetas identificando as chapas.

A disseminação maciça de mensagens sobre os candidatos é o mecanismo mais eficiente de construção da imagem do ator político. Nesse aspecto, a evolução tecnológica tem um papel cada vez mais preponderante, como observa Nóbrega (2013, p. 8):

O desenvolvimento tecnológico não somente multiplicou os meios de comunicação como também fez com que os mesmos produzissem uma maior difusão. E, essa situação modificou profundamente o modo de produção das imagens políticas, que passaram a ser fabricadas em maior escala, observando a conveniência dos cenários em disputas.

A chapa Sunyé/Caldas montou seu quartel-general numa casa alugada na sede de uma antiga produtora de vídeo no Alto da XV. Além dos voluntários da campanha - entre professores, servidores, alunos - havia pelo menos três profissionais de comunicação não pertencentes aos quadros da UFPR, mas com ligações familiares com um dos candidatos.

Já a chapa “UFPR é nossa vida”, estabeleceu o comitê eleitoral numa casa alugada na rua Dr. Faivre, próximo ao prédio da reitoria. A campanha utilizou os serviços de uma agência de publicidade, a “Social Media”. E pelo menos três profissionais envolvidos na campanha não faziam parte dos quadros da UFPR.

Ao longo da campanha foram realizados sete debates entre os candidatos. Foi a primeira vez em que os concorrentes ao cargo de reitor debateram em campi fora de Curitiba. Foi, de longe, o processo com o maior número de eventos desse tipo em toda a história dos pleitos na UFPR. Em todos os eventos havia equipes de TV de ambas as campanhas registrando

os debates para depois editá-los e publicá-los nos sites oficiais, no *facebook* ou no *youtube*. As duas chapas também utilizaram maciçamente o *whatsapp* com grupos de apoiadores. Outro fato que merece destaque foi a tática de contrainformação utilizada pelas duas chapas. Ambas usaram – ou foram auxiliadas/ e ou beneficiadas de forma indireta – de páginas de *facebook* com personagens fictícios (ou perfis “*fakes*”): “Cairo Nilo” pela chapa 1 e “Joãozinho Sabetudo”, “Murilo Esteves da Costa” e “Lourenço Eduardo da Paixão” pela chapa 2. A principal função dessas páginas era o ataque e a desconstrução da imagem do oponente. A desconstrução utilizada nas páginas oficiais estava mais sintonizada com o conceito do filósofo franco-argelino Jacques Derrida, segundo o qual “não existem fatos, mas interpretações”. Essa lógica, na verdade tem se mostrado uma das bases da construção do discurso político mundo afora, independente da corrente ideológica. Como o pleito na UFPR aconteceu pouco antes do segundo turno das eleições para a prefeitura de Curitiba, é possível fazer algumas comparações temporais: em ambos os casos a utilização das redes sociais foi sistemática. E com as mesmas táticas de informações e contrainformação. Enquanto a coligação “Curitiba Inovação e Amor”, que apoiava Rafael Greca, se utilizava do mote oficial “Volta Curitiba” tanto nos programas de rádio e TV como nas redes *facebook* e *whatsapp* a coligação “Corrente do bem”, que apoiava Ney Leprevost, empregava o slogan “Gestão Inteligente”. Um paralelo entre as linguagens, pode ser traçado com a eleição na UFPR. Enquanto a chapa 1 utilizava um apelo mais ligado à gestão tecnocrática, a chapa 2 apelava para a emoção com a “UFPR é nossa vida”.

A estrutura profissionalizada das campanhas evidenciou – como em pleitos anteriores – gastos consideráveis. Ambas as chapas justificaram os gastos como cotização entre os apoiadores e a utilização de meios de captação baseada no *Crowdfunding*, neste último caso, como apontaram os participantes da chapa 1, que arrecadaram fundos via internet.

6 TABELA COMPARATIVA DE MEIOS

A tabela a seguir faz uma comparação dos meios empregados em campanhas “convencionais” e a interna, da UFPR.

TABELA 1 - COMPARATIVA DE MEIOS

	ELEIÇÕES CONVENCIONAIS	ELEIÇÕES UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Cartazes	√	√
Jornais	√	√
Facebook	√	√
Whatsapp	√	√
Plataforma de arrecadação	NÃO	√
Prestação de contas	(1)	(2)
Rádio	√	NÃO
TV	√	NÃO
Santinhos	√	√
Panfletos	√	√
Bottons	√	√
Camisetas	√	√
Pesquisa	√	NÃO
Debates	√	√
Corpo-a-corpo	√	√
Boatos	√	√
Denúncias	√	√
agência de publicidade	√	√
Assessoria de imprensa	√	√
Comerciais	√	NÃO
Comitês eleitorais	√	√
Legendas partidárias	√	(3)
Jantares /eventos de adesão	√	√
Transporte de eleitores	√	√
Imprensa/Entrevistas	√	√
Out-doors	√	NÃO

FONTE: (1) Justiça Eleitoral; (2) Divulgação através dos sites de campanha; (3) Oficialmente não existem legendas nas eleições universitárias, mas o apoio de siglas partidárias é evidente.

O quadro comparativo aponta uma coincidência majoritária nas formas de comunicação com o colégio eleitoral. As exceções ficam por conta de meios comunicação, massa mais sofisticada, como rádio e televisão. Embora a UFPR tenha uma TV, a difusão de sua programação é restrita a apenas uma operadora de televisão via cabo e duas rádios, a Rádíoweb e a rádio UniFM (cuja concessão pertence à Funpar), estes veículos não foram utilizados como meio de comunicação entre candidatos e eleitores. A UFPR TV limitou-se a transmitir o último debate do processo eleitoral, realizado no Teatro da Reitoria. O uso de

pesquisas e sua consequente divulgação tampouco foram utilizados durante o processo de escolha do Reitor.

7 DEPOIMENTOS

A transformação dos pleitos eleitorais dentro da universidade é percebida por personagens - envolvidos diretamente ou não nas campanhas ao longo dos últimos anos. As opiniões foram coletadas através de entrevistas gravadas e com o consentimento para utilização em trabalho acadêmico. Foram selecionados dois servidores que ocuparam cargos na administração universitária desde que o processo de escolha direta foi adotado. Também foram entrevistados dois representantes de cada chapa da última eleição para reitor (2016).

7.1 ENTREVISTA COM JORNALISTA JOSÉ WILLE SCHOLZ

O Jornalista José Wille Scholz⁴ é servidor concursado da UFPR. Trabalhou na assessoria de imprensa da Universidade entre 1987 a 1995. Em 1988 ficou um ano dirigindo a Assessoria de Comunicação do Hospital de Clínicas.

Retornou no início de 1989 ao assumir a Assessoria de Comunicação da UFPR, onde ficou até o final de 1994. Trabalha de 1981 até a conclusão deste trabalho (2017), sendo também professor do curso de Jornalismo por cinco anos. Foi estudante da UFPR de 1978 a 1984. (Arquitetura e Urbanismo e Comunicação Social/Jornalismo).

O servidor avalia a primeira eleição como um acontecimento de grande repercussão dentro da universidade e na imprensa, pelo fato inédito e pelo momento nacional de redemocratização. Mas, José Wille lembra que houve uma eleição 4 anos antes do pleito oficial.

Em 1981 a APUFPR, Associação dos Professores, organizou uma votação, sem validade oficial, onde o professor Lamartine Correa de Oliveira foi o mais votado. Era uma espécie de protesto e reivindicação, porque a lista para enviar ao MEC foi fechada pelos integrantes do Conselho Universitário. E o nomeado foi Alcy Ramalho. (SCHOLZ, 2017).

O jornalista relaciona o momento político nacional, com o movimento da "Diretas Já" entre 1983 a 1984, que terminou com a eleição indireta de Tancredo Neves.

Esse quadro teve forte influência na mobilização interna da comunidade universitária. E esse clima levou a primeira escolha direta no ano de 1985. O eleito foi o geólogo Riad Salamuni. Ele tinha boa aceitação por seu temperamento tranquilo e sociável, e também tinha visibilidade pelo cargo que ocupava no governo de José Richa, como diretor da Mineropar. E foi apoiada pelo PMDB, que havia chegado pela primeira vez ao governo paranaense na eleição de 1982, e estava no auge da popularidade no

⁴ SCHOLZ, J.W. Entrevista concedida a Ney Hamilton Michaud, Curitiba, 20 jun. 2017.

Paraná. O PMDB da época ainda tinha a vantagem de conservar a imagem de oposição ao governo militar, na época desgastado e em seu período final.

[...]

A campanha aconteceu em um clima de entusiasmo, com o discurso de redemocratização da universidade, que até ali sofria forte influência do Governo do Paraná, principalmente nas nomeações dos cargos de direção. Até a eleição de 1985 na UFPR, os candidatos aos cargos de direção, que seriam realmente indicados, eram conhecidos com muita antecedência, dependendo das ligações com a Arena (Aliança Renovadora Nacional). (SCHOLZ, 2017).

José Wille acompanhou de perto as eleições e relata que:

Os grupos se reuniam de acordo com a sua identificação ideológica, de interesse em futuros cargos, ou por rivalidade e inimizades com outros grupos. Aí vinham as reuniões seguidas sobre o desenvolvimento das campanhas, e a corrida atrás de nomes de influência, que pudessem trazer mais votos. Também havia a coleta de contribuições para custear as campanhas.

[...]

Antes da eleição de 2001 não se via a profissionalização clara das campanhas. Eram cartazes artesanais, faixas e a panfletagem. E as permanentes caminhadas destes grupos pela universidade, entrando nas salas de aula ou nas salas de trabalho, para fazer discursos. (SCHOLZ, 2017).

O jornalista lembrou que o processo eleitoral universitário ficou progressivamente mais semelhante com o externo. E destacou uma frase do professor Flávio Zanetti, da Agronomia, resumiu o fato, em uma entrevista de rádio: "O critério para a escolha de diretores na UFPR passou a ser a escolha daqueles que espalham mais cartazes na instituição". E destacou a nomeação dos partidários mais ativos, e até a criação de cargos de "assessores especiais", com diferentes títulos, passou a servir para recompensar os maiores militantes de campanhas. Os principais ganhavam a nomeação como agentes políticos, não só para a campanha, mas de atuação remunerada permanente na defesa da administração nos bastidores.

7.2 ENTREVISTA COM TÉCNICO ADMINISTRATIVO EDEMIR REGINALDO MACIEL

O Gerente Administrativo do Laboratório de Informática, Edemir Reginaldo Maciel⁵ é Administrador, especialista em Administração Pública e Mestrando em Informática na UFPR. Ele trabalhou profissionalmente da campanha eleitoral de Jorge Samek ao governo do Paraná, depois das duas campanhas de Roberto Requião ao governo do Paraná. Para Osmar Dias, contra Beto Richa, Gleisi Hofmann. Participou do Plano de Governo (planejamento) Coordenação.

⁵ MACIEL, E.R. Entrevista concedida a Ney Hamilton Michaud. Curitiba, 5 jul. 2017.

Na UFPR, Edemir participou na eleição do professor Carlos Antunes, na mobilização estudantil. Era ligado ao movimento estudantil ideologicamente (PC do B). Agora, já trabalhando na UFPR, participou na última eleição apoiando a chapa 1 (Marcos Sunyé/Andréa Caldas).

Existiam diferenças substanciais entre as campanhas. Na época da eleição do professor Carlos Antunes, o volume de propaganda era bem menos intenso do que agora, com o uso maciço da internet. Os meios eram mais rudimentares, você usava intensamente a comunicação no papel. A campanha do Carlos Antunes foi bastante organizada mas longe do nível de profissionalismo que a gente observou na última eleição. A única semelhança entre aquela campanha e a última, foi a adoção do ‘Livro Ouro’ (de apoiadores e contribuintes oficiais) pela chapa 1. Era um livro ouro muito efetivo, porque as pessoas declaravam seus votos. Independente da contribuição financeira, o que tinha muito peso era a declaração do voto. Os apoiadores assumiam publicamente as candidaturas...

Comparando a experiência externa com interna; você vê muitos pontos de convergência. Por exemplo, como acontece na política convencional, aqui na universidade também existem grupos pragmáticos que negociam interesses sem qualquer preocupação programática. a barganha. Eu dou o apoio em troca de cargo, porque eu quero recursos para o meu laboratório..eu quero mais vagas para o meu curso...a única diferença é a sofisticação do discurso.. o resto na essência é o mesmo, de um vereador de uma cidade pequena, que tem interlocução com seu eleitorado... o empresário que também representa um segmento ele negocia benefícios fiscais...tanto lá fora como aqui dentro existem grandes semelhanças. Aqui na universidade você também tem segmentos que querem não só cargos, mas espaços físicos, prédios, salas, e você vai construindo uma relação baseada em interesses. Eu vejo essa semelhança como uma expressão da verdade. Assim como lá fora as nossas elites disputam as benesses do estado, acontece aqui na universidade. Na minha opinião a última eleição aqui na universidade reproduziu-se exatamente o que se vê lá fora. A forma, o discurso acabou prevalecendo sobre o conteúdo. (MACIEL, 2017).

Neste ponto cabe observar que o Gerente Administrativo da UFPR não apenas reforça a percepção de semelhança da forma de comunicação com as eleições convencionais. Ele estabelece um paralelo nas práticas de trocas de favores, formando uma cultura política idêntica a observada no cenário eleitoral. Edemir Maciel destacou também o papel de “cabo eleitoral” qualificado, desempenhado pelos professores:

É interessante que na universidade o professor funcionou como um cabo eleitoral qualificado. Nas duas campanhas houve professores que levaram salas inteiras para votar no candidato que eles (professores) haviam escolhido. Então você teria o docente exercendo aqui dentro um papel muito semelhante ao de um cabo eleitoral. O Docente influenciou muito intensamente o segmento do eleitorado representado pelos estudantes. Isso não aconteceu com os técnicos da universidade, que praticamente não sofreram essa influência. (MACIEL, 2017).

Outro ponto lembrado pelo entrevistado diz respeito ao eleitor da universidade, que acaba exigindo que o candidato tenha a imagem projetada da mesma forma que acontece nas eleições convencionais:

Acho que o eleitorado da universidade, a exemplo do eleitorado comum, cobra a formação de imagem de um candidato ideal. Não adiantava o candidato aparecer numa foto tirada de selfie, com celular, porque o eleitor está acostumado – ainda que inconscientemente – com um padrão. Ele rejeita uma campanha amadora, com cartazes feitos com papel kraft e pincel atômico... dá pra dizer que a campanha eleitoral da universidade é muito, muito semelhante a uma campanha convencional. Ela tem nuances sutis. Mas em essência a comunidade exige o candidato que sorri, que bate nas costas, que tem uma oratória muito próxima da oratória política, exige-se materiais caros e sofisticados. A gente fez uma tentativa de utilizar cartazes feitos com papel kraft, que é muito mais barato. Aquilo chamou a atenção, porque era um material diferente, mas nós percebemos que chamava a atenção também porque era um material digamos, pobre. As pessoas davam mais valor a impressos em couché, com fotos de alta resolução. A pergunta que algumas pessoas faziam era : como é que eu vou votar num candidato que usa um material desses? Não parece uma campanha séria. (MACIEL, 2017).

7.3 ENTREVISTA COM PROFESSOR MÁRIO MESSAGI JR.

Mário Messagi Junior⁶ está na UFPR desde 1989, como aluno e como professor substituto a partir de 1998. Hoje é professor de Teoria da Comunicação, no curso de Jornalismo. Acompanha o processo de escolha de reitoras da universidade desde a eleição de Carlos Alberto Faraco. Participou efetivamente da campanha de reeleição do professor Zaki Akel Sobrinho. Na última eleição foi o coordenador de comunicação da chapa A UFPR QUE QUEREMOS. Antes havia trabalhado como jornalista, cobrindo o processo que elegeu o professor Carlos Augusto Moreira, em 2002.

Mário Messagi analisa a eleição para reitor deve atender a Lei de Diretrizes de Base, LDB, que prevê que a consulta à comunidade universitária deve ser organizada por entidades como o DCE, a APUFPR e o Sinditest. O resultado então é referendado pelo COUn . Resumindo: oficialmente o processo não pode ser conduzido pela Universidade. Como consequência, o resultado é que o pleito seja de certa forma pouco institucionalizado na prática:

Você não tem regras amadurecidas para pleito. Então a cada eleição a comissão encarregada de organizar a consulta discute regras novas . E ao longo do tempo nós fomos incorporando práticas que fizessem com que nossas campanhas se parecessem cada vez mais com as campanhas do mundo político, como as eleições para prefeitos, governadores e presidente. Só que como nós não nos preocupamos em regularizar muito, em deixar as regras muito claras, nós não amadurecemos politicamente. O que me faz pensar nesse momento, é que as eleições na UFPR sempre tiveram o caráter personalista. Afinal você escolhe entre dois ou três nomes. (MESSAGI JUNIOR, 2017).

⁶MESSAGI JUNIOR, M. Entrevista concedida a Ney Hamilton Michaud. Curitiba, 19 jul. 2017.

Neste ponto, o professor de Comunicação reflete sobre o caráter personalista que passou a nortear a eleição, em detrimento do aspecto institucional:

É a figura, o prestígio individual que conta, mas sobretudo a partir do que aconteceu com a primeira eleição do professor Moreira, é que as políticas de comunicação passaram por um processo de profissionalização. Foi todo um trabalho de construção de imagem. O professor Moreira era um azarão. Concorria com um professor do Direito (Edson Luiz Fachin) com um preparo retórico muito maior. Mas o favorito, que tinha um nome com trânsito fácil entre os diretores de vários setores, acabou sendo derrotado por uma campanha muito agressiva trazida por profissionais de comunicação terceirizados. Foi uma empresa contratada para fazer a campanha na UFPR. (MESSAGI JUNIOR, 2017).

Messagi conclui que a forma de se praticar democracia na universidade naquele evento que deveria ser o de maior importância institucional, está contaminada pelas práticas conhecidas de se fazer política no país, com o agravante de que as regras da eleição na UFPR são mutantes e frágeis:

O que a gente viu nas investigações recentes sobre a vida política no país, é que grandes volumes de dinheiro circulam nas campanhas eleitorais, justamente através das agências de publicidade e propaganda. Porque o maior custo de uma campanha eleitoral é justamente o da comunicação. Por isso hoje se a gente comparar a eleição da universidade com a eleição convencional – a universidade que é a vanguarda, a universidade que em tese tem os quadros mais bem formados, - a universidade está, institucionalmente atrás...as regras que regulam o processo são mais frágeis do que as regras que regulam as eleições para prefeito, governador ou presidente. É fundamental para a sociedade que ela saiba quem financia. Nós não temos isso claro. Não adianta você ter uma elite intelectual como eleitora se as regras institucionais são frouxas. Eu espero que essa elite que compõe a universidade perceba que é necessário que tenhamos regras mais claras, que protejam a universidade do poder econômico, das práticas populistas. (MESSAGI JUNIOR, 2017).

7.4 ENTREVISTA COM PROFESSOR FLÁVIO ZANETTE

Flavio Zanette⁷ é professor titular do Departamento de Fitotecnia da UFPR. É docente desde 1975. Foi convidado para trabalhar na administração em 1982, logo após terminar o doutorado na França. Assumiu coordenação de pesquisa da UFPR, onde ficou por 5 anos. Vem acompanhado a política e a gestão da universidade desde então.

Participou ativamente do sindicato dos docentes. Foi vice-presidente, presidente interino. É professor sênior já há 15 anos e ultimamente se afastou do processo, no entanto sem deixar de acompanhar a movimentação política na UFPR. Na última eleição não se envolveu

⁷ ZANETTE, F. Entrevista concedida a Ney Hamilton Michaud. Curitiba, 22 ago. 2017.

no processo eleitoral. Zanette é um crítico à forma de escolha dos reitores nas universidades públicas, que permite a participação de toda a comunidade universitária, indistintamente:

O processo de escolha dos dirigentes nas instituições de ensino superior não é adequado ou condizente com as necessidades de uma universidade. O lado acadêmico começa a pesar muito pouco. Os candidatos buscam apoio nos grupos eleitorais, formados pelos estudantes, funcionários e docentes. E só. O compromisso fim da instituição está nas costas de quem? Está na proposição de execução do docente. Porque na execução existe a parte de apoio. É nesse momento que entram os técnicos-administrativos. Mas isso não é uma instituição de caridade, que se preocupa mais com o bem-estar do seu corpo docente ou funcional, seja da sua comunidade. Não pode ser esse o fim e em muitos momentos nós percebemos que o mais importante é ganhar bem, é ter conforto, crescer na carreira. Mas o produto que nós devemos entregar à comunidade é relegado a segundo, a terceiro plano. Existe então uma distorção. O estudante é importante desde a sua seleção. Nós temos que prestar a atenção nestes estudantes que entram na universidade e que nós vamos devolver à sociedade com uma formação profissional. Nesse sentido é importante saber o que ele pensa, as necessidades. Isso deve ser perseguido. Mas o aluno não pode ter apenas direitos. Ele deve ter um compromisso com a instituição. O ensino superior é um processo seletivo. (ZANETTE, 2017).

Flávio Zanette defende um modelo semelhante ao adotado na Espanha, onde a proporcionalidade dos votos é atrelada à titulação dos professores. Assumindo um discurso que pode ser facilmente apontado como elitista e excludente, o professor de Engenharia Florestal relaciona qualidade de ensino – ou a falta dela – com o populismo:

Deve haver uma hierarquia. Isso acontece até em praticamente todas as espécies. Mas na universidade hoje há um nivelamento generalizado. Todos são iguais. A carreira de professores é igual. Os professores mais novos tem o mesmo o peso político que um professor com mais experiência. E a conclusão é que quando você nivela um grupo, a tendência é que esse nivelamento seja por baixo. A escolha do gestor tem que estar atrelada às necessidades da instituição. Qual é a nossa missão afinal? Eu não posso ser fiscal de dirigentes. Esse é um voto ingênuo. Quem escolhe um dirigente deve estar perfeitamente sintonizado com as necessidades da universidade. (ZANETTE, 2017).

Outro ponto questionado por Flávio Zanette é o da formação de uma espécie de casta política dentro da instituição, o que seria proporcionado pela adoção do atual formato de escolha dos dirigentes. O professor entende que o modelo do atual sistema eleitoral universitário é prejudicial ao desempenho das instituições públicas de ensino superior:

Os docentes da UFPR hoje não são a elite do Paraná. Eles são da elite. É diferente. Aí que está o mal. É o sangue azul. O processo tem que ser seletivo por competência. Não se forma prêmios Nobel com eleição. Se nós quisermos avançar temos que procurar os mais aptos. A universidade tem que selecionar os que enxergam melhor. Eu acredito que o processo atual acaba estimulando o populismo dentro da universidade. Veja a composição dos conselhos. Ele propõe alguma coisa ligada à pesquisa, propõe rigor na avaliação dos docentes? O docente deveria ser cobrado a

dar aula de qualidade. É autoritarismo? Mas temos que pensar na sociedade que nos paga? A sociedade, as empresas que financiam as pesquisas não têm acesso ao processo de escolha. Seres humanos iguais, direitos iguais. Mas responsabilidades diferentes. Não pode haver nivelamento. Se você quer paz e tranquilidade, os professores fazem de conta que ensinam e os alunos que aprendem. (ZANETTE, 2017).

7.5 ENTREVISTA COM PROFESSOR FERNANDO MEZZADRI

Fernando Mezzadri⁸ é professor da UFPR há 21 anos na Cadeira de Políticas Públicas para a Área de Educação Física. Pós-Graduação, Mestrado e doutorado. Participou de outras eleições na UFPR, sendo que a primeira foi quando apoiou a chapa do professor Luiz Edson Fachin. 2001. Depois as professoras Marcia, Maria Tarcisa e, finalmente na última, onde trabalhou como um dos coordenadores da chapa UFPR NOSSA VIDA, do professor Ricardo Marcelo Fonseca.

Mezzadri avalia que a profissionalização da comunicação nas eleições da universidade é apenas um reflexo da forma como o processo também envolveu toda a sociedade brasileira, da qual as instituições de públicas de ensino e pesquisa são indissociáveis. Deveu-se principalmente à utilização das redes sociais e uma participação mais direta com a comunidade universitária:

Acho que houve uma profissionalização da área de comunicação nos últimos anos. Mas desde que eu comecei a participar, sempre houve uma equipe de comunicação auxiliando os candidatos. Nós temos uma comunidade em torno de 50 mil pessoas, o que equivale a um município de porte pequeno para médio, mas com uma densidade e uma participação e compreensão política muito elevadas. Principalmente entre professores e técnicos que estão mais envolvidos e com uma parcela significativa dos estudantes. Entretanto o modo de se fazer a comunicação, me parece que se aproxima sim, a forma de se fazer, a criação, o marketing focado em certos pontos, parece que se aproxima das campanhas eleitorais comuns. Eu penso que nos dois processos, tanto o de escolha pra reitor quanto para eleição de um cargo público (vereador, prefeito, governador, presidente) precisamos melhorar muito. No processo da construção político-partidária é o fator econômico que determina. Temos um *modus operandi* de fazer política que parece do início do século 20. Ainda estamos num momento muito frágil de construção política, até porque não temos uma formação... a nossa democracia ainda é muito frágil. Mas é a nossa história, a nossa cultura, é o que somos. Não há diferença entre o que acontece dentro da universidade, do ponto de vista eleitoral, e o que acontece lá fora. Nós reproduzimos aqui o que acontece na sociedade. Não somos uma ilha. Estamos devidamente aprofundados nesse processo. Eu gostaria que nós pudéssemos fazer política de uma forma diferente na universidade. Trazer muito mais ideias do que ficar respondendo corporações, o corporativismo. Tratar a universidade como ela merece ser tratada. Como um lugar de discussão acadêmica, discussão de formação de profissionais, de formação de cidadãos. (MEZZADRI, 2017).

⁸ MEZZADRI, F. Entrevista concedida a Ney Hamilton Michaud. Curitiba, 15 set. 2017.

7.6 ENTREVISTA COM PUBLICITÁRIO MAURÍCIO RAMOS

O último entrevistado foi o publicitário Maurício Ramos⁹. Foi o único depoimento de um participante da última eleição que não possuía/possui qualquer vínculo funcional com a Universidade Federal. A agência da qual ele é proprietário, a SOCIAL MEDIA foi contratada para elaborar a campanha da chapa 2, A UFPR É NOSSA VIDA. Ramos foi aluno da UFPR. Como publicitário participou de inúmeras campanhas políticas, sendo a última majoritária do Marcelo Almeida (PMDB), para o senado. Maurício Ramos detalhou que a forma de estruturar uma campanha dentro da UFPR seguiu a mesma lógica da construção de uma candidatura de um prefeito numa cidade de porte médio (para os padrões paranaenses):

A forma de se construir uma campanha dentro da universidade foi idêntica a de um pleito convencional. A UFPR com 50 mil eleitores é quase uma pequena cidade. Todas as práticas de uma campanha numa cidade de pequeno ou médio porte, podem ser praticadas dentro de uma campanha como a da UFPR. São muito semelhantes os espaços políticos, as disputas, as maneiras de conquistar, as maneiras de desconstruir, são muito parecidas, efetivamente... O que eu vi, e falo como alguém que tem muita, mas muita experiência em eleições- desde conduzir uma eleição para a OAB, até para conduzir uma eleição para o Sindicato da Construção Civil – e posso afirmar com segurança, é que quanto mais evoluído é o setor, pior vai ficando o nível de qualquer campanha. A maldade vai ficando mais apurada, a falta de educação vai ficando mais evidente, a falta de ética vai exponencialmente crescendo quanto maior é o nível cultural daquela categoria profissional. O fato de ser um ambiente universitário, com professores, alunos e técnicos em sua maioria com grau de instrução superior faz uma diferença para pior quando se compara com as eleições ditas convencionais. (RAMOS, 2017).

O depoimento do publicitário, que traz um olhar distanciado do ambiente universitário e possui intimidade profissional com o marketing político, reforça o argumento da profissionalização das campanhas na UFPR, bem como a sintonia das práticas eleitorais com o que existe no cenário político em todo o país.

⁹ RAMOS, M. Entrevista concedida a Ney Hamilton Michaud. Curitiba, 15 set. 2017.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se depreende, não só pelo histórico registrado, como pelo testemunho de personagens, direta ou indiretamente envolvidos nos processos eleitorais da Universidade Federal do Paraná, a conclusão óbvia é a de que o meio acadêmico reproduz os mesmos mecanismos de comunicação e de persuasão e convencimento do eleitorado observado em eleições majoritárias convencionais. Com todas as distorções e efeitos produzidos pelo “*modus operandi*” do marketing político.

Seria difícil supor um descolamento da realidade nacional, visto que a Universidade acaba sendo um recorte da sociedade. Ainda que este recorte represente uma parcela supostamente mais bem informada e certamente mais instruída que a maioria da população.

Os atores que desempenham o papel político administrativo dentro da universidade se portam como os atores do mundo político-partidário. Inclusive, em determinadas ocasiões, com a velada (em outras explícitas) influência de forças ideológica e politicamente organizadas. É natural que isso aconteça. Entretanto há que se questionar – e deve ser este sempre o papel da Academia- se este é o modelo ideal. Com todos os percalços que a jovem democracia brasileira enfrentou e enfrenta, não seria o momento de se praticar as relações políticas de forma diferente? A Universidade não seria o melhor laboratório para essa nova forma– pelo menos para nós, brasileiros – de se fazer política? Historicamente a Universidade Pública vem sendo a indutora do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico. É o palco mais amplo, multicultural e democrático para as discussões sobre as grandes questões nacionais. É o espaço de construção do pensamento crítico nacional. Por que então, não ser esta Universidade Pública, o berço da transformação dos costumes políticos brasileiros? Por que não começar esta prática repensando a forma de escolher os representantes da comunidade universitária? “O progresso não é senão a realização das utopias” (Oscar Wilde, escritor irlandês, 1854/1900).

REFERÊNCIAS

BRASIL, F. Teoria elitista clássica, democracia elitista e o papel das eleições: uma questão de definição dos termos. **Revista Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 5, p. 100-121, 2013.

COMISSÃO PARTIDÁRIA DE CONSULTA. **30 Anos de Conquista Democrática**. 2016. Disponível em: <<http://consulta2016.wixsite.com/ufpr/historia>>. Acesso em: 28 setembro 2016.

CONSEIL EM COMMUNICATION ÉCRITE CORRECTION RELECTURE. **Found 5 matching posts pour 'ÉLITE**. 2018. Disponível em: <<http://alorthographe.unblog.fr/search/ÉLITE>>. Acesso em: 15 dezembro 2017.

FIGUEIREDO, M. Estratégias de persuasão eleitoral: uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, v. 4, n. 3, p. 182-2013, nov. 1997.

GIMENEZ, A. **Les présidents d'Universités en France**: étude sur le statut et la fonction dans l'établissement. Assas:La Université Panthéon, 1990.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Governadores do Estado do Paraná**. Disponível em <https://www.casacivil.pr.gov.br/modules/conteudo.php?conteudo.95>> Acesso em: 17 dezembro 2017

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Dois portugueses concorrem à reitoria no Porto**. 2018. Disponível em: <<https://www.dn.pt/lusa/interior/eleicao-para-reitor-da-universidade-do-porto-com-cinco-candidatos-dois-portugueses-9231900.html>>. Acesso em: 30 maio 2018.

JORNAL EL ESPECTADOR. **Asi se elige un rector**. 2018. Disponível em: <https://www.elespectador.com/opinion/asi-se-elige-un-rector-columna-736961>>. Acesso em: 29 maio 2018

JORNAL EL FINANCIERO. **Como se elige al rector em las universidades mas renombradas**. 2017. Disponível em: <<http://www.elfinanciero.com.mx/opinion/roberto-escalante-semerena/como-se-elige-al-rector-a-en-las-universidades-mas-renombradas>>. Acesso em: 29 maio 2018

JORNAL EL PAÍS. **El poder de la Complutense**. 2015. Disponível em: https://elpais.com/ccaa/2015/04/25/madrid/1429913686_810350.html>. Acesso em: 30 maio 2018.

JORNAL LA VANGUARDIA. **Se acabarán las elecciones para rector?**. 2011. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/vida/20110118/54102988194/se-acabaron-las-elecciones-a-rector.html>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MACIEL, E.R. **Campanhas eleitorais para reitor**: depoimento [5 jul. 2017]. Entrevistador: Ney Hamilton Michaud. Curitiba: UFPR, 2017.

MESSAGI JUNIOR, M. **Campanhas eleitorais para reitor**: depoimento [19 jul. 2017]. Entrevistador: Ney Hamilton Michaud. Curitiba: UFPR, 2017.

MEZZADRI, F. **Campanhas eleitorais para reitor**: depoimento [15 set. 2017]. Entrevistador: Ney Hamilton Michaud. Curitiba: UFPR, 2017.

NÓBREGA, I. G. M. A Construção da Imagem do ator político na atualidade. **Revista Temática**, v. 9, n. 04, p. 1-16, abr. 2013.

ORDORIK, I. 2 Elección de rector: panorama internacional. **Revista de la Educación Superior**, México, n. 175, p. 7-18, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA **Prefeitos de Curitiba**. Disponível em <https://www.curitiba.pr/conteúdo/relação-dos-prefeitos-de-curitiba/>> Acesso em: 17 dezembro 2017

RAMOS, M. **Campanhas eleitorais para reitor**: depoimento [15 set. 2017]. Entrevistador: Ney Hamilton Michaud. Curitiba: UFPR, 2017.

RUBIM, A. A. C.. Novas configurações das eleições na idade média. **Opinião Pública**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 172-185, 2001.

SCHOLZ, J.W. **Campanhas eleitorais para reitor**: depoimento [20 jun. 2017]. Entrevistador: Ney Hamilton Michaud. Curitiba: UFPR, 2017.

SOCIAL MEDIA. **Processo de escolha à reitoria**: UFPR é nossa vida. 2016. Disponível em: <<https://www.socialideias.com.br/portfolio/chapa-2>>. Acesso em: 12 setembro 2016

SOUZA FILHO, A. O ideal de universidade e sua missão. In: MOLL, J.; SEVEGNANI, P.. (Org.). **Universidade e mundo do trabalho**. Brasília-DF: INEP, 2006.

UFPR QUE QUEREMOS. **Chapa**: A UFPR que queremos. 2017. Disponível em: <<http://www.facebook.com/ufprquequeremos/>>. Acesso em: 18 setembro 2016

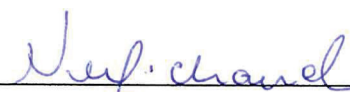
ZANETTE, F. **Campanhas eleitorais para reitor**: depoimento [22 ago. 2017]. Entrevistador: Ney Hamilton Michaud. Curitiba: UFPR, 2017.

APÊNDICE 1 - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E RESPONSABILIDADE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E RESPONSABILIDADE

Declaro para os devidos fins que este texto por mim apresentado como monografia, visando a obtenção do Diploma de Especialista em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná, atende as seguintes condições: é de minha exclusiva autoria; na produção do referido texto não houve o uso indevido, antiético ou ilegal de trabalhos de outros autores, nem de práticas que possam ser consideradas como plágio; que a responsabilidade pela eventual ocorrência de práticas ilegais e antiéticas é exclusivamente minha; que não houve o auxílio de outras pessoas, remuneradas ou não, exceto, eventualmente, no que diz respeito à normalização ou revisão ortográfica do texto. Por fim, declaro estar ciente de que a eventual comprovação de tais práticas implicará em expulsão imediata deste curso, o que não me exime de outras penalidades previstas em lei.

Curitiba, 11 de junho de 2018.



Ney Hamilton Michaud